



SESSÃO FUNEBRE

Em homenagem

A

José Carlos Junior



...Por maior confiança que tenhamos na imperecibilidade da sua memória, no lustre immorredouro do seu nome, a verdade acabrunhadôra é esta:—aquello coração já não palpita.

...si a admiração que lhe votámos era grande, não pôde ser menor a nossa dôr. Não podemos deixar de choral-o.

(Palavras de José Carlos Junior a proposito de Maciel Pirheiro.)

SR. PRESIDENTE.

Senhores.

O poeta do *Jocelyn*, o inimitavel cantor da *Primeira Saudade*, disse, n'um lamento, nesse admiravel poema que escreveu inspirado pelo formoso olhar da porcitana : « Uma

nuvem sobre a alma cobre e descóra muito mais a terra do que uma nuvem no horisonte. »

Profundamente exacto, Srs. *O espectáculo*, realmente, *está no espectador*. E que assim é, verificamol o bem agora. O céu, o nosso céu sempre azulado, está serenamente tranquillo e bordado de estrellas.

O mar, esse verde mar bravio das nossas lendas e canções, estende-se preguiçosamente sobre as areias prateadas e mal soletra, em baixo profundo, o seu hymno monotono em saúdação á natureza. E a terra,—lago mettido entre montanhas—é apenas agitada pelas brisas sussurrantes que vêm repetir, medrosas, as falas das flôres ao Céu e as vozes das estrellas ao Oceano.

Mas, no meio de todas essas scenas do mundo exterior, scenas que têm algo de mysterioso e de divino, a natureza se reduz a alguns pontos sensiveis que nos attrahem, ou antes, a um ponto unico, onde o nosso olhar mergulha sem encontrar fundo nem repouso.

Buscamos contemplar, em meio á dôr que nos desespera, a poetica habitação do companheiro que se foi, mettida entre folhagens e a mostrar-se, no seu alvor e no seu encanto, suggestiva como a branca casa do Tasso, poisada na encarpa d'um rochêdo, eo órgão da visão, immediatamente e fatalmente descobre, para fixar-se, esse ponto negro, que mais lugubre do que ahi fica, está no nosso espirito e nos nossos corações.

E então vem-nos á lembrança a commovedora scena da agonia de Gabriel, assim descripta na *Evangelina* de Longfellow :

- » De seus olhos a luz era serena,
- » Mas subito cahiu na escuridão,
- » Qual lampada que posta a uma janella
- » De vento uma refrega prompto apaga. »

E si buscamos desviar os olhos d'esse quadro,—tetrico e sombrio como uma pagina das tragedias de Shakspeare, a scena que além se nos depara é mais digna do pincel de Ticiano que da penna de poetas.

Elles, incapazes, pela idade, de comprehender a razão porque ella se fizesse estatua, olhar immovel e sem luz, labios mudos e sem a flôr d'um sorriso, perguntam lhe, a chorar e a rir, mil cousas diversas, que mais e mais lhe augmentam o desespero e a dôr !

Senhores ! Felizes os que têm crença ! Ella é que transforma o calvario em céu e as bagas do pranto em estrellas. Mas na vida ha phases tão pungentes e sombrias, infortúnios tão completos, martyrios tão acabados, que si nos dissessem, como Thetis a Achilles, a Iliada :—

„ Do céu vontade foi, bem me saudosos
„ Deixemol-o em descanço, . . .

nós só poderíamos viver redarguindo n'uma blasphemia divina :

— Então é um inferno esse céu !—

Senhores. Ainda que podesse ser applicada aos sêres superiores, aos espiritos de eleição, a famosa ballada de Bürger — *Die Todten reiten schnell*, que José Carlos Junior interpretou e declarou inadequada aos fortes luctadores, não carcerieis, de certo, que eu vos descrevesse a physionomia sympathica, o olhar calmo e investigador, o sorriso espontaneo, mas sombreado de tristeza do nosso inolvidavel compaheiro.

Os mortos, effectivamente, vão depressa ; mas ainda que elle podesse ser comprehendido nessa regra, o tempo transcorrido não seria sufficiente para fazel-o esquecer. Quasi o mesmo eu poderia dizer-vos da sua individualidade moral, politica e litteraria, que tamanha influencia exerceu no nosso meio. Para julgal-a, não precisaes do estudo, que me fosse dado fazer da sua obra. Todavia, dar-vos-ei, em breves palavras, para não illudir de todo a vossa expectativa, alguns traços do homem de lettras que foi, nestes ultimos tempos, uma das figuras mais notaveis no centro de actividade em que vivemos.

Senhores. Não sei, si a exemplo de Jules Claretie, a proposito de O. Feuillet, posso lembrar-vos, com applicação a José Carlos Junior, o que disse Alfred de Vigny, tratando de

Benjamin Constant:—, *Noble profil. Des formes poëtes et gracieuses. Homme du monde et homme de lettres, alliance rare, assemblage exquis.*»

Mas posso e devo assegurar-vos, que se elle não era comò o autor da *Dalila*, «*un gentleman dans tout la force du terme.*» era todavia o que se pode chamar, com a maior propriedade de expressão, um perfeito cavalheiro e um escriptor elegante, «*aimant la gloire et détestant le bruit.*» (1)

Seriam, porém, estas as unicas qualidades eminentes que possuia?

Vêm a proposito, Senhores, as palavras de Edouard Sylvin, um dos collaboradores das *Celebridades Contemporaneas*, traçando a biographia de Jules Ferry:

« Pour voir les hommes tels qu'ils sont, il faut aller les chercher chez eux, il faut les surprendre dans l'intimité du foyer domestique, lorsqu'ils se reposent de les fatigues, et se montrent tels que la nature les a faits. »

Si assim é, antes de apresentar-vos o homem social e o homem de letras, devo apresentar-vos o homem do lar. E neste ponto a sua vida chega a ser digna de um poema!

Antes de ser politico, antes de ser escriptor, antes de ser professor, elle era esabio ser pae de familia. E nenhuma qualidade mais preciosa. O lar é um templo; — o pae de familia o sacerdote; — evangelho o amor. Christo tinha sempre a auriolar-lhe os labios um sorriso celestial quando chamava para junto de si as creanças. Victor Hugo, o divino poeta da *Legenda dos seculos*, depois de escrever *Les Châtiments*, escreveu *À l'Art de ser Avô*, que aliás já havia construido só com o seu exemplo.

E a proposito, Senhores. Castellar, falando de Byron, diz acreditar que o bardo tinha o coração na cabeça, onde era « a pendula, a agulha e a machina que movia, que indicava, que sôava todas as idéas. » Adopto a imagem, que realmente é bellissima, mas para uma applicação diversa. Para indicar que a feição saliente da individualidade moral de José Carlos Junior era a bondade.

(1) *Célébrités Contemporaines*— O A. Feuillet par Jules Claretie, pag. 1.

E' certos d'isto e do seu devotamento á familia, penetremos no seu lar e ouçamos o primeiro hymno da sua biblia do amor :

PHASES

*Era uma candida creança, cheia
De tons suaves, divinaes, ethereos,
Loura visão a prometter mysterios
De insondavel amor ;
Eu desejei-*

*Fizera-se mulher ; me arrebatara
Em transportes de amor e de ternura
Para um Eden de e'tica ventura,
De ineffaveis delicias.
Eu a amara*

*Com santo affecto, as cabecinhas d'ouro
Ella aninava, solícita, enlevada,
Em luminoso efflúvio mergulhada.
E' a mãe de meus filhos.
Eu a adoro.*

Senhores ! Conta Lamartine (2) que, muito moço ainda, e depois de ler Tacito, que elle chama o Platão da historia, collocou-se pela imaginação, n'um mundo agitado pelas tempestades politicas, e nenhum papel, por mais heroico que fosse, deixou de achar sua alma á altura da situação. Estava preparado para tudo.

« Si a sua vida não passasse da obscuridade, da trivialidade, era porque a boa sorte lhe faltava ; não porque elle faltasse á ella ! »

O contrario, precisamente o contrario, Senhores, deve ter succedido com o nosso saudoso amigo. A' leitura dos *Annaes* da antiguidade romana e da historia da grande Re-

(2) *Graziella*.

volução, preferia a de Goethe, de Schiller, de Edgard Pöe. Edmond de Amicis, Daudet ou Catulle Mendés.

A paixão politica não era a paixão do seu espirito. Si as posições viessem, sentia-se com forças, capacidade e patriotismo para desempenhá-las; si a obscuridade coroasse de sombras a sua cabeça, não se queixaria do destino.

« O homem, quanto mais esquecido conseguir viver, dizia elle (3), tanto mais longe estará de amofinações e de pezares, tanto mais perto estará de ser feliz. »

Todavia não foi esteril a sua vida politica. Correu calma, sem incidentes rememoraveis, grandes triumphos ou prolongadas provações; mas não deixou de pôr á prova o seu muito merito.

Eis, conforme uma nota encontrada nos seus papeis e que reproduzo, pelo valor que têm, os traços principaes da sua vida publica:

José Carlos da Costa Ribeiro Junior. Nasceu na capital da Parahyba, a 24 de Julho de 1860. Bacharel em direito no Recife a 31 de Outubro de 1882. 2.º Promotor Publico do Recife a 7 de Novembro do mesmo anno. Procurador da Fazenda Provincial do Ceará a 24 de Abril de 1883. Juiz Municipal do Ipú em 1884. Removido no mesmo anno para o Aracaty. Reconduzido em 1888. Exonerado a pedido em Janeiro de 1889. Advogado da Camara Municipal da Fortaieza em Fevereiro do mesmo anno. Chefe de policia do Ceará em 20 de Janeiro de 1890. Lente Cathedratico de Allemão no Lyceu do Ceará em 7 de Junho de 1890.

Collaborou em 1876 na «Crença» e na «Esperança», periodicos litterarios da Parahyba; redigiu em 1877 o «Echo Escolastico» na mesma cidade. Publicou em 1881 no Recife: *Flôres Academicas*; *O Sino*, traducção em verso da ballada de Schiller. Collaborou em varias publicações juridicas ou litterarias e foi o principal redactor da «Republica», orgão do Club Republicano do Recife em 1882.

Collaborou no «Cearense», «Jaguaribe», «Libertador», «A Republica» e «Diario do Ceará». Foi professor de va-

(3) José Carlos Junior. *Notas para todos*.

rias disciplinas em institutos particulares; e exercia, há mezes, o cargo de Secretario de Estado dos negocios da Fazenda. Foi membro do Conselho Superior de instrucção publica, padeiro-mór ou director da Padaria Espiritual e um dos mais brilhantes ornamentos da Academia Cearense.

Cabe aqui, Senhores, uma observação, que a todos vós deve ter occorrido.

O Dr. José Carlos Junior não foi o que ordinariamente se chama, na lucta dos partidos, um homem de acção, um combatente.

Não se sabe, si possuia ou não a força que o atilado biographo de Jules Ferry lhe reconhece e aploaude, que é indispensavel a todos os homens publicos e que consiste n'uma paciencia imperturbavel e uma confiança tranquillã em nós mesmos. Mas é certo que exerceu cargos de importancia e de difficil desempenho, como chefe de policia e secretario de Estado, este em periodo de agitação e aquelle de verdadeira transformação politica, e não obstante isso, e a despeito das asperezas das nossas luctas partidarias, que ainda têm muita cousa de barbaro, jámais foi accusado. A imprensa, a nossa terrivel imprensa, sempre o respeitou. Cysne, poisado sobre um charco e não nodoara jámais as niveas pennas!

Lá fóra, Senhores, o facto pode não ter muita importancia, pela razão de não serem bem conhecidas as condições do meio. Mas nós, que sabemos—alguns até por dolorosa experiencia—como as nossas pugnas politicas são crueis, não podemos deixar de assignalar o phenomeno, explicavel apenas pela presença de duas circumstancias—a modestia, que era a nota predominante do seu character e uma boa estrella.

Deixemos agora, Srs., o lar e a sociedade politica e examinemos, rapidamente embora, a parte da existencia de José Carlos Junior, consagrada ás letras. Comprehendeis bem que não entra no meu plano um trabalho de critica. Sob esse ponto de vista, estudar um homem é estudar uma epocha, ou um certo periodo historico, maxime quando esse homem revella assidua e boa leitura em ethnographia, linguistica, anthropologia, critica litteraria e philosophia. Mas embora vissemos apenas uma ligeira individuação das pre-

ciosas joias que constituem o opulento espolio, todavia não deixa de ser difficil a tarefa, Senhores. Encontram-se entre os escriptos do Dr. José Carlos Junior bellos fragmentos de philosophia, litteratura, politica, mimosissimos discursos e polemicas. Mas a despeito d'essa variedade de trabalhos, sente-se difficuldade quasi invencivel em julgar a sua obra. Apenas verifica-se que as faces mais brilhantes do seu talento se manifestam na critica litteraria e na poesia, assumptos de sua predilecção. Mas não se comprehende, como aquelle vigoroso espirito, tão cuidadosa e methodicamente cultivado, acompanhando pacientemente os progressos das lettras e da sciencia e tão abeberado do pensamento da epocha. deixasse de produzir um trabalho de folego, á altura da sua poderosa mentalidade e capaz de firmar, em base segura, a sua reputação de escriptor.

Tel-o-ia absorvido o labor quotidiano, a incessante luta pela vida, de modo que se deva considerar serviço de inestimavel valor esse que prestou á educação da nossa mocidade estudiosa, tornada assim a sua obra por excellencia? Ou seria elle um insatisfeito, um insaciado, ou, mais precisamente, um torturado nas ancias de um novo idéal?

Não me cabe a mim, Srs., responder á essas interrogações. Não ha duvida, que, mesmo sem se ser versado em psychologia social, sente-se que a alma humana, como no tempo de Quinet, se debate na laboriosa gestação de um novo idéal religioso, politico e scientifico. Não ha duvida tambem que a despeito do perigo que ha em ser propheta, comprehende-se que não está longe o dia em que uma nova visão, formosa como avião messianica de que nos fala Renan, venha encher de luz o horizonte. Mas embora seja assim e a despeito de parecer axiomatico que «não ha producções litterarias sem idéaes que as sustentem», julgo todavia que não devo demorar-me no exame d'essa questão. Volto, pois, ao meu assumpto. Sabeis já, Srs., que a vida litteraria de José Carlos Junior começou na imprensa de sua terra natal, a Parahyba; teve sua segunda phase, porventura a mais notavel no Recife, onde o moço academico entregou-se a sérios estudos de linguistica, litteratura, politica e philosophia; e a terceira e ultima neste Estado, que o acolheu como a um filho di-

lecto e que elle amou como a sua patria, por sentimentos de reconhecimento e por ser a patria de seus filhos.

Conhecedor profundo das linguas franceza, ingleza, italiana, allemã, hespanhola e latina, em todas se exercitou como poeta, ora em producções originaes, ora passando para velho portuguez muitos dos primores litterarios que nellas se occultavam, como perolas no fundo do oceano, ao olhar dos que não têm alma de artista.

Sentimos não poder dar-vos aqui alguns fragmentos — magistralmente traduzidos por elle—em verso e prosa, de Musset, Victor Hugo, H. Bornier, Paul Bourget, M. Rollinat, Jean Richepin, Guy de Maupassant, A. Daudet, Lemaiche, Alberto Delpi, Catulle Mendés, Shakespeare, Byron, Longfellow, Edgard Poe, Edmond de Amicis, Paolo A. Volli, Felice Romanie, Schiller, Goethe, Hartzenburch, Julius Moseu e outros que elle tão bem interpretou !

Das suas producções originaes, destacamos um estudo sobre as linguas de origem latina, uma grammatica ingleza, dois artigos de critica litteraria, uma sobre os livros—*Horas de recreio*, de Antonio Bezerra e *Estudos de Historia do Ceará*, de J. Catunda, nos quaes, conforme declara, procurou com criterio para julgar a mentalidade cearense; e outro sobre a *Neomania*, ou o desejo invencivel de ser a todo o transe original, molestia da epocha; dois contos, primorosos trechos de prosa scintillante; e *Ocios da Vida Escolastica*, livro de versos em sua maior parte ineditos.

Esse livro, que começa em 1876 e termina em 1882, abre com estes versos de Goethe :

*Porque tão ancioso procurar o caminho,
Si o não hei de mostrar aos meus irmãos ?*

Contem em todas as suas partes—Versos dynamicos,—Ensaio Naturalistas,—Expansões,—Horas de Humor,—Lyra de outros tempos,—Lyra jocosa e Miscelanea,—paginas admiraveis de inspiração e sentimento, como os versos que têm por titulo *Jesús* e *En lisant des vers écrits autrefois*.

Senhores. Melhor do que eu, sabeis. O poeta é um ar-

tista. E para julgar-o, conforme a lição de H. Taine, (4) temos que attender a todas estas questões: Como vê elle os objectos? Como os apprehende? Com que criterio os observa? Com que arremesso e força os interroga? Que sentimentos e paixões actuaram no seu espirito? Mas para isto, Senhores, fallece-me competencia e escassa o tempo. Apenas dir-vos-ei que estou convencido de que entre as causas que concorreram para tornar menos profunda e duradoura a obra do pranteado homem de letras e avultou «esse estado de inquietação mental, de incerteza, de tédio e de vagas aspirações da sociedade actual», trabalhada por muitos problemas moraes que interessam directamente á evolução litteraria. (5)

Senhores. Quem estuda, nos escriptores de hoje, em todos os paizes, a litteratura d'este fim de seculo, caracterisada, como todas as epochas de transição, pela ausencia de inspiração na arte e desesperado está para substitui-la pelo requinte da fórma, comprehende bem o perigo a que se expõe quem tenta estudar um artista e julgar sua obra. Permitti-me, pois, ficar aqui...

Não seria fóra de proposito, Srs., occupar-me aqui de outras questões que se prendem á individualidade artistica do nosso saudoso companheiro. Haveria talvez, certo interesse em explicar a sua paixão pela architectura, pela pintura, principalmente pela musica.

Mas comprehendo que é tempo de concluir.

Srs. Entre as obras d'arte, de fino lavor, que o Dr. José Carlos Junior transplantou para a dôce lingua que falamos, existe um conto de Edmond de Amicis—*A' beira da Morte*, que me impressionou profundamente. Nelle se descreve a horrivel tempestade, que surprehendera, em alto mar, um navio inglez, em viagem para Malta. No momento em que o céu se faz negro, a tempestade ruge mais forte e as vagas ameaçam despedaçar o navio, os passageiros, em

(4) Historia da Litteratura Ingleza.

(5) José Carlos. Estudos de Critica.

grande numero senhoras e creanças, acercam-se do commandante e lhe perguntam, mais com o olhar do que com a palavra, se ainda ha esperanza. Então o velho marinheiro, passeando o olhar pelo navio, já invadido das aguas, e fitando calmamente o oceano, diz aos passageiros que o interrogam :

— *Resignemo-nos.*

E' a palavra unica, Srs. Academicos, que eu posso dizer-vos d'aqui. Elle mesmo nos disse que «si a maioria, os fracos, os adaptados vão depressa para o esquecimento», os lutadores da sua estatura vão ainda muito longe, pelo futuro além.

« Desapparecem nas transformações da materia, porém mortos e com o prestigio do tumulo, nos arrastam para o caminho que elles trilham em vida. »

Imitemol-o, pois, e resignemo-nos.

JUSTINIANO DE SERPA.

